



<b>Semanário Económico</b> – Principal As negociações que não salvaram a Qimonda Autor: Vários	<b>Id:</b> 653904 <b>Data Publicação:</b> 24-01-2009 <b>Fonte:</b> Jornal <b>Edição:</b> 1150	<b>Página:</b> 1 <b>Tiragem:</b> 18667 <b>Periodicidade:</b> Semanal	<b>Idioma:</b> Português <b>País:</b> Portugal <b>Âmbito:</b> Nacional <b>AlturaLargura:</b> 4,6cmx8,55cm	
---	--	---	--	---

[Voltar ao Índice](#)



<b>Semanário Económico</b> – Principal As negociações que não salvaram a Qimonda Autor: Vários	<b>Id:</b> 653943 <b>Data Publicação:</b> 24-01-2009 <b>Fonte:</b> Jornal <b>Edição:</b> 1150	<b>Página:</b> 9 <b>Tiragem:</b> 18667 <b>Periodicidade:</b> Semanal	<b>Idioma:</b> Português <b>País:</b> Portugal <b>Âmbito:</b> Nacional <b>AlturaLargura:</b> 2,25cmx3,55cm	-	
--	--	---	---	---	---

[Voltar ao Índice](#)

## O resgate falhado da Qimonda

A empresa iniciou falência, mas ainda há luz ao fundo do túnel.

**PI0**

## Destaque

# O resgate falhado da Qimonda apesar da diplomacia em Berlim

Os esforços de Basílio Horta para salvar a alemã Qimonda não evitaram a falência. Portugal e Alemanha uniram-se e acreditam que será possível encontrar uma solução.

SARA PITEIRA MOTA E CRISTINA KRIPPAHL, NA ALEMANHA smota@economicasgpps.com

Assim que suspeitaram de novos problemas na Qimonda, o presidente da AICEP, Basílio Horta, e o secretário de Estado da Indústria, António Castro Guerra, metem-se no avião das seis da manhã e rumaram a Berlim, onde chegaram à hora do almoço da última quarta-feira. Reunião após reunião, as soluções teimavam em não aparecer. E enquanto estes encontros não prometiam resultados, o esforço de salvação daquela que representa 5% do PIB nacional, chegou às mais altas instâncias políticas.

Nessa tarde, Sócrates falou directamente com a 'chanceler' alemã, Angela Merkel, para mostrar o empenho do Governo. Sem desistirem, os responsáveis da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal e do Governo ficaram uma noite e rumaram a Frankfurt na madrugada seguinte. Esperaram no aeroporto alemão das 6h30 às 21h30 de quinta-feira, mas 15 horas depois ainda não havia fumo branco da ronda de reuniões entre os accionistas da Qimonda e os poderes governamentais alemães. Uma longa espera motivada pela vontade de chegar mais rapidamente a Berlim, no caso de ser encontrada uma solução, para assinar a ajuda de 100 milhões que o Governo português prometeu à maior exportadora nacional.

As muitas horas de viagem e as poucas horas de sono não evitaram que a fabricadora de semicondutores apresente-se ontem um processo de insolvência no tribunal de Munique. Apesar de tudo, Basílio Horta ainda não desanimou e diz que "o importante é defender os interesses nacionais e os principais interesses nacionais são manter a fábrica em Portugal a trabalhar,

para assim defender o emprego". E, garante, "a AICEP fará tudo o que estiver ao seu alcance para ajudar a salvar a empresa".

Para isso, o Governo português vai apresentar ao gestor judicial o plano que estava a ser delineado e que passa pela manutenção das fábricas de Vila do Conde e de Dresden.

### PORQUE FALIU A QIMONDA?

A falência da Qimonda AG resulta de vários factores. Em causa está a queda do preço de microprocessadores, as grandes dificuldades dos mercados de capitais e ainda os obstáculos que a empresa encontrou para se financiar devido à actual crise. Manuel Pinho, ministro da Economia, disse ontem que "o Governo tem feito tudo o que é possível" e que "se existirem investidores esta fábrica [em Portugal] será salva".

Na quarta-feira numa reunião na chancelaria, em Berlim,

Apesar da declaração de falência, a Qimonda não pretende suspender as operações em Portugal.

com representantes do governo federal da Saxónia, a Qimonda revelara uma necessidade adicional de 300 milhões de euros, além do pacote já anteriormente negociado com Dresden, Portugal e a Infineon que completava 605 milhões. O governo federal diz que, até agora, a Qimonda não apresentou um conceito viável de saneamento, o que exclui a possibilidade de uma garantia de crédito estatal.

Berlim não quer, no entanto, abandonar à sua sorte este empregador importante na Saxónia e está disposto a continuar as negociações. O ministro da Economia português voltou também a reafirmar a disponibilidade do Executivo em apoiar a empresa com 100 milhões de forma a viabilizar a actividade e manter os quase dois mil trabalhadores que estão na unidade de Vila do Conde, onde foram investidos 700 milhões de euros nos últimos dez anos.

Apesar da declaração de falência, a Qimonda não pretende suspender as operações em Portugal. A direcção da filial da Infineon considera haver "boas possibilidades" de obter o financiamento necessário para uma reorientação da produção nas negociações em curso com potenciais investidores.

Não obstante o optimismo oficial, tudo indica que vai ser muito difícil salvar o produtor de 'chips'. O estado federado da Saxónia disse ontem que exigirá à Infineon e à Qimonda a restituição das ajudas no valor de dezenas de milhões de euros, com que, no passado, foram contempladas. Mas a Saxónia, segundo o ministro da Economia, Thomas Jurk, continua igualmente empenhada em salvar a empresa, desde que se apresente um

novo investidor com um conceito convincente.

O que é óbvio, é que o governo da Saxónia retirou a confiança à administração da Qimonda, que acusa de ter cometido erros de gestão. Especialistas neste sector de alta tecnologia dão razão às críticas, apontando falta de capacidade de reacção da Qimonda às mudanças e modernizações contínuas a que está exposto este ramo.

A insolvência da Qimonda vai sair cara à Infineon, que conta com despesas adicionais na ordem das centenas de milhões de euros. Mas os analistas, que não acreditavam na sobrevivência da fábrica de Dresden, defendem que a médio prazo o seu encerramento é a melhor solução. Primeiro, para os contribuintes, que pagariam a factura de qualquer plano de reestruturação publicamente financiado e que estaria votado ao fracasso na presente conjuntura do sector, que atravessa a maior crise de sempre. Mas também para a Infineon, a quem a Qimonda só deu dores de cabeça.

Originalmente, a empresa recusou mesmo qualquer tipo de participação numa acção de resgate, tendo sido pressionada para aderir ao pacote de salvamento. A relutância da Infineon não é fruto da presente crise. A queda a pique, em 2008, das acções da empresa, ficou a dever-se sobretudo aos prejuízos incorridos pela Qimonda - que no ano fiscal de 2007/2008 atingiram três mil milhões de euros. Em finais de Maio, a Infineon despediu o director executivo, Wolfgang Ziebert, por não ter conseguido encontrar comprador para a Qimonda, de que a empresa se desejava ver rapidamente livre. **COM M.C.**

Bruno Barbosa



A fábrica da Qimonda em Vila do Conde



## Processo de insolvência de um gigante mundial

Processo de falência da alemã Qimonda pode marcar o fim da filial portuguesa.

SUSANA REPRESAS  
srepresas@economicajqps.com

A insolvência de uma empresa com a dimensão da Qimonda, que emprega 12 mil trabalhadores em todo o mundo, significa um enorme desafio para os responsáveis pelo processo. O primeiro passo está dado. Ontem, a empresa mãe apresentou, junto do tribunal de Munique, o pedido de falência, depois de se assumir incapaz de fazer face aos compromissos financeiros. Resta saber o que fará agora o administrador de insolvência nomeado pela justiça alemã.

O objectivo dos responsáveis pelo processo passa por maximizar o activo para fazer face ao passivo e assim tentar reduzir o impacto da falência. Segue-se um longo período de negociação entre os responsáveis da empresa, credores e investidores. Nas mãos da empresa estão os seus bens, mas a Qimonda terá contra si trabalhadores e credores, que de acordo com notícias recentes são em grande parte instituições bancárias.

Apesar do o governo alemão ter admitido que não terá muita margem para ajudar a empresa, que sem sucesso tentou recentemente recorrer a um empréstimo de 325 milhões de euros, os administradores de insolvência deverão tentar negociar com eventuais interessados, a compra da Qimonda ou apenas de algumas unidades fabris.

Perante a falência da sociedade alemã, a empresa portuguesa pode não ter muito mais tempo de vida. João Salvador, advogado de direito laboral da Albuquerque e Associados esclarece que "neste tipo de sociedades, quando a casa mãe se apresenta insolvente, as restantes filiais ou conseguem trabalho por mais algum tempo, ou são compradas por outros, ou os credores dão-lhes mais uma oportunidade". Neste caso, garante o especialista, "só uma conjugação de vontades, entre credores e potenciais investidores, pode ser solução", para a unidade nacional. Mas o especialista avisa que nestes casos, pode chegar-se à conclusão que "não vale a pena manter" a fábrica. O advogado deixa ainda uma alerta, "a empresa portuguesa não é autónoma, o que significa que é mais um bem que pode ser utilizado para pagar aos credores, as dívidas contraídas pela da sociedade alemã". ■

